



**UnB**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

MARIA VERÔNICA SOUSA TORRES

**Cuidar, raça e resistência: Perspectiva étnico-racial e de gênero no ensino de graduação e na produção científica em enfermagem das IES públicas**

BRASÍLIA-DF  
2024

MARIA VERÔNICA SOUSA TORRES

**Cuidar, raça e resistência: Perspectiva étnico-racial e de gênero no ensino de graduação e na produção científica em enfermagem das IES públicas**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Enfermeira.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Raquel Gomes Maia Pires

BRASÍLIA-DF  
2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA VERÔNICA SOUSA TORRES

**Cuidar, raça e resistência: Perspectiva étnico-racial e de gênero no ensino de graduação e na produção científica em enfermagem das IES públicas**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Enfermeira.

---

Maria Raquel Gomes Maia Pires- Orientadora  
Doutora em Política Social  
Professora da Faculdade de Ciências da Saúde- Departamento de Enfermagem  
Universidade de Brasília (UnB)

---

Kleyde Ventura de Souza- Avaliadora  
Doutora em enfermagem  
Professora da Escola de Enfermagem  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

---

Marjorie Nogueira Chaves- Avaliadora  
Mestra em História na área de Estudos Feministas e de Gênero  
Coordenadora do Observatório da Saúde da População Negra (PopNegra), vinculado ao Núcleo de Estudos de Saúde Pública (Nesp/UnB)

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho integra uma pesquisa de iniciação científica financiada pelo Edital ProIC/DPG/UnB – PIBIC/PIBIC-AF 2023/2024. Adotamos a forma de apresentação de artigo científico, precedida de elementos pré-textuais, conforme as opções de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso do Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília. A revista escolhida para seguimento das normas de formatação foi a Revista Baiana de Enfermagem.<sup>1</sup> Entretanto, para maior clareza e detalhamento da pesquisa, expandimos o resumo e a quantidade de páginas permitida para essa versão da pesquisa, além de acrescentarmos um apêndice.

Outrossim, sempre que possível, optamos pela concordância gramatical do texto no feminino, pelo comprometimento da temática com a epistemologia feminista.

O meu interesse no debate da temática de raça e gênero surgiu porque sou uma jovem negra e sentia falta do debate no meu curso, nas aulas e no corpo docente. Durante os anos de graduação procurei fazer todas as disciplinas que tivessem em relação a raça na faculdade já que no meu projeto pedagógico não tinha essa opção. Entretanto tive a oportunidade de pesquisar na temática devido a uma disciplina: Processo de Trabalho ministrado pela Maria Raquel, a partir de uma aula específica no qual foi abordado sobre mulheres curandeiras, me veio o interesse de saber mais e assim comecei a participar no universo da pesquisa. Reconheço que tenho muita coisa para aprender e estudar, meu objetivo é contribuir de alguma forma sobre o debate racial na enfermagem.

---

<sup>1</sup> Revista Baiana de Enfermagem, instrução às autoras, disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/about/submissions#authorGuidelines>. Acesso em 06 de julho, de 2024.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1- Fluxograma das etapas de busca, identificação e seleção das ementas dos cursos de graduação de enfermagem que abordam a história, cuidado e/ou gênero nas descrições e/ou títulos. Brasília-DF, 2024 12
- Figura 2- Fluxograma do rastreamento das (os) docentes, grupos de pesquisa e produção científica antirracista e feminista a partir das 55 ementas. Brasília-DF, 2024 16

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DCNERER	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana
ENADE	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
e-SIC	Serviço Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão
GEM	Grupo de Pesquisa Saúde da Mulher, Enfermagem, Gênero, Raça e Etnia
GEPIMG	Grupos de Estudos dos Povos Indígenas de Minas Gerais
GEPII	Grupo de Estudos e Pesquisas em Populações Indígenas
GESAM	Grupo de Estudos em Saúde da Mulher
IES	Instituto de Nível Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NEGRAS	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça e Saúde
NUPESMeG	Núcleo de Pesquisas e Estudos em Saúde da Mulher e Gênero
PNSIPN	Política Nacional de Saúde Integral da População Negra
PPP	Projeto Político-Pedagógico
SUS	Sistema Único de Saúde
UAB	Universitat Autònoma de Barcelona
UACM	Universidad Autónoma de la Ciudad de México
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UERR	Universidade Estadual de Roraima
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso Sul
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFVJM	Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha Mucuri
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
USP	Universidade de São Paulo
UVA	Universidad de Valladolid

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1- Critérios de análise da perspectiva étnico-racial e de gênero nas ementas e nas produções científicas dos cursos de graduação em enfermagem que abordam história da enfermagem, gênero e/ou cuidado das IES públicas. Brasília- DF, 2024	14
Tabela 1- Classificação das ementas das disciplinas dos cursos de graduação em enfermagem de IES públicas, segundo presença de gênero e raça, Brasília- DF, 2024	17
Quadro 2- Docentes dos cursos de graduação em enfermagem com experiências de resistência antirracista e feminista no ensino e na produção científica autodeclarada no currículo Lattes, segundo instituição e mini perfil. Brasília-DF, 2024	18
Tabela 2- Classificação das produções científicas feminista e antirracista dos 14 docentes selecionados. Brasília- DF, 2024	19
Quadro 3- Categorização temática das disciplinas e produções científicas. Brasília- DF, 2024	21



## **Cuidar, raça e resistência: Perspectiva étnico-racial e de gênero no ensino de graduação e na produção científica em enfermagem das IES públicas**

### **RESUMO**

**Objetivo:** Analisar as experiências de resistência antirracista e feminista no perfil dos docentes e na produção científica nos cursos de graduação em enfermagem das IES públicas. **Método:** pesquisa de abordagem qualitativa, a partir da técnica análise documental, dividido em duas partes: 1- identificação das ementas de disciplinas relacionadas à história da enfermagem, cuidado e/ou gênero; 2- rastreamento dos docentes, grupos de pesquisa e produção científica antirracista e feminista, a partir das disciplinas identificadas na primeira etapa. **Resultados:** das 55 (100%) ementas selecionadas, 11 (20%) foram classificadas como presença explícita de gênero e raça. A partir das 55 ementas, os perfis de 60 docentes (100%) foram rastreados e analisados, resultando em 14 (23%) selecionados em virtude da autodeclaração de linhas de pesquisas antirracista e feminista no currículo lattes. Localizamos 160 produções científicas desses 14 docentes sobre cuidar, raça e resistência, sendo 87 encontradas na íntegra. Após análise, 22 (25%) das produções foram classificadas como experiência explícita de resistência antirracista e feminista. **Considerações finais:** Apesar das poucas disciplinas, perfil docente e produção científica de abordagem antirracista e feminista nos cursos de graduação de enfermagem das IES públicas, as experiências estudadas são resistências importantes para aumentar o poder de crítica e a organização política das enfermeiras. As implicações práticas dos resultados destacam a necessidade de incorporar estas abordagens no ensino, na pesquisa e na extensão, promovendo uma formação mais inclusiva e crítica na enfermagem.

Descritores: Enfermagem; Feminismo; Antirracismo; Prática do Docente de Enfermagem; Ensino.

### **Introdução**

O cuidado no Brasil é executado principalmente por mulheres. A área de saúde tem cerca de 3,5 milhões de trabalhadoras(es), sendo que 50% atuam na enfermagem, composto majoritariamente por pessoas que se declaram (53%) negras<sup>(1)</sup>. Apesar de sua origem negra e indígena, ao longo da sua profissionalização, a enfermagem brasileira é institucionalizada a partir do branqueamento e ideais eugenistas. A imagem da “enfermeira Padrão”, mulher branca, classe média, disciplinada, assexualizada, moralista, submissa ao profissional médico, apaga qualquer ligação das mulheres negras no processo histórico do cuidar. Ou seja, na história da enfermagem essas mulheres não são reconhecidas, nem valorizadas<sup>(1-3)</sup>.

Com a sociedade brasileira marcada por princípios das pseudociências, teorias racistas e eugênicas, o sistema educacional sofre influências dessas tendências. Os processos educativos são relacionados segundo o contexto social em que foram desenvolvidos. Assim, as instituições de ensino, como dispositivos de poder do Estado, materializam o racismo nos currículos, silenciando culturas marginalizadas, resultando em formações monocultural<sup>(3,4)</sup>. A área da saúde marcada por essas concepções reproduz profissionais que enxergam os modos de cuidar sob única perspectiva biomédica, fortalecendo o racismo e as iniquidades em saúde com a população negra, que compõe

em sua maioria a força de trabalho no Brasil. Por sua vez, a enfermagem desenvolve 60% das ações assistenciais no Sistema Único de Saúde (SUS), portanto contribui com parte significativa tanto para manter, como para combater as desigualdades raciais<sup>(1,4)</sup>.

Entretanto, o fato das mulheres negras e indígenas e seus conhecimentos não serem abordadas durante a graduação de enfermagem reforça o racismo em suas várias especificações, além de invisibilizar as práticas do cuidar para saúde e enfermagem, historicamente construída pelo saber das mulheres curandeiras<sup>(2)</sup>. Uma educação que não se compromete efetivamente com a diversidade dos grupos sociais acaba por reproduzir as desigualdades e as violências presentes nesta sociedade<sup>(4)</sup>. Em contraponto, tentativas de contracolonizar a educação formal estão presentes em algumas universidades. Estudo recente<sup>(5)</sup> mostra que algumas instituições de nível superior (IES), nos estados das regiões nordeste e sudeste do Brasil, inseriram a temática étnico-racial nos cursos de saúde, viabilizando diálogos e convivência com outras epistemes. A abordagem de conteúdos sobre relações étnico-raciais, história e cultura afro-brasileiras contribuem com o combate ao racismo e possibilitam a compreensão das especificidades da população negra<sup>(4,5)</sup>.

A despeito da hegemonia do pensamento colonial preponderante nos currículos de graduação em enfermagem, identificamos experiências que representam resistências, ao proporem o conhecimento contracolonial e feminista nas reflexões sobre a prática profissional. Segundo Ferreira<sup>(4)</sup>, contracolonizar o conhecimento é negar a colonialidade, que é o poder do colonizador de controlar o colonizado, mantendo-o sob a tutela do conhecimento eurocêntrico, sexista e racista. Consiste, dentre outras forças contra hegemônicas, em explorar alternativas para a produção epistêmica que não estejam associadas ao positivismo da ciência moderna.

Um estudo anterior a presente pesquisa, sob o título “Mulheres, curandeiras e enfermeiras: o que dizem os programas de graduação- Etapa 2?”, identificou e analisou ementas de disciplinas de instituições de ensino superior (IES) públicas dos cursos de graduação de enfermagem, na abordagem sob perspectivas de gênero e raça<sup>(6,7)</sup>. Em continuidade, aprofundamos as investigações sobre as resistências no perfil e na produção científica de docentes que ofertaram as disciplinas com abordagens críticas sobre o cuidado e a profissionalização da enfermagem na perspectiva de gênero e raça, selecionadas na primeira parte do estudo.

A partir desse contexto, a questão norteadora dessa pesquisa é a seguinte: como se caracterizam as experiências de resistências antirracista e feminista no ensino e na produção científica nos cursos de graduação em enfermagem das IES públicas? Os objetivos são: analisar as experiências de resistência antirracista e feminista no perfil das docentes e na produção científica nos cursos de graduação em enfermagem das IES públicas; classificar as ementas com abordagem antirracista e feministas nos cursos de graduação de Enfermagem das IES públicas; rastrear, a partir das ementas

de disciplinas identificadas, o perfil das docentes da IES públicas que abordam a temática de gênero e raça nos cursos de graduação em enfermagem; analisar as produções científicas docente articulada ao ensino antirracista e feminista nos cursos de graduação em enfermagem das IES públicas.

## **Método**

Trata-se de estudo com abordagem qualitativa, pois proporciona explicação, compreensão e descrição de um fenômeno. A realização da pesquisa foi feita a partir da técnica da Análise Documental, que permite examinar e compreender o teor de documentos de diversos tipos, proporcionando a interpretação desses documentos<sup>(8)</sup>.

O estudo foi dividido em duas etapas: a primeira, relacionada a identificação das ementas de disciplinas que abordassem história da enfermagem, cuidado e gênero; a segunda, a partir das disciplinas identificadas, fez-se o rastreamento dos docentes, dos grupos de pesquisa e da produção científica antirracista e feminista. Ambas as etapas são descritas a seguir.

### *Etapa 1- Identificação das ementas que abordam História da enfermagem, cuidado e/ou Gênero nos títulos e descrição*

Iniciamos essa etapa em 2022, sob a forma de um PIBIC intitulado: Mulheres, curandeiras e enfermeiras: o que dizem os programas de graduação- Etapa 2?, no período de julho de 2022 a julho de 2023. Realizamos a procura de disciplinas que abordassem o curandeirismo na história da enfermagem sob a perspectiva de gênero e raça nos cursos de enfermagem das IES públicas do Brasil<sup>(6,7)</sup>.

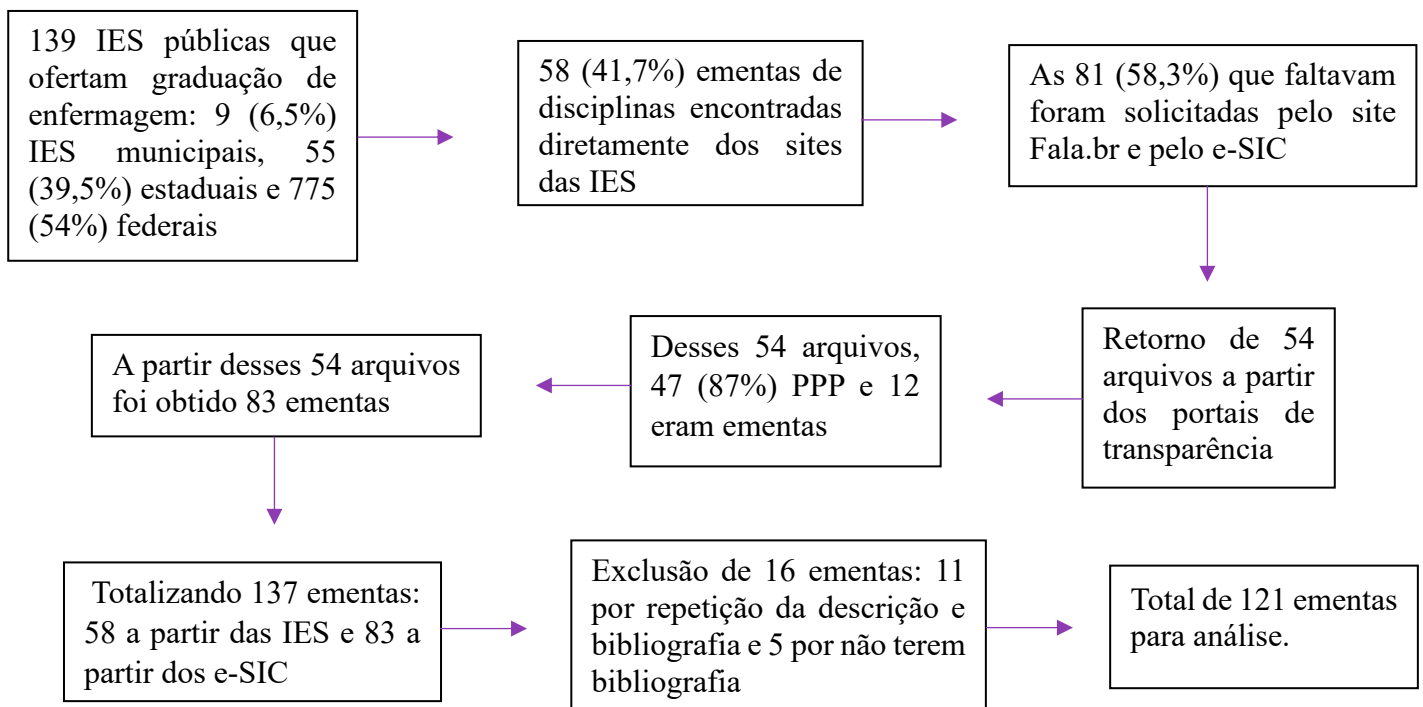
Para isso, buscamos a quantidade total de IES públicas com cursos de graduação em enfermagem. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)<sup>(9)</sup>, a partir do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) de 2019, existem 139 (100%) instituições de ensino públicas com cursos de graduação em enfermagem, assim distribuídas: 9 (6,5%) IES municipais, 55 (39,5%) estaduais e 75 (54%) federais.

Uma vez identificada a quantidade IES públicas que ofertam cursos de graduação em enfermagem, realizamos uma busca nos 139 sites das IES para localização das ementas. Adotamos a ementa como documento para o *corpus* da análise, pois faz parte tanto dos programas de disciplinas como nos projetos pedagógicos. As ementas como *corpus* da análise trazem a homogeneidade de material e proporciona as informações necessárias para serem analisadas conforme os critérios estabelecidos no estudo<sup>(10)</sup>. Os objetivos dessa primeira busca foram: encontrar as disciplinas que abordassem a história da enfermagem, cuidado e/ou questões de gênero; analisar a perspectiva de gênero na origem do cuidado, atrelado às práticas das mulheres curandeiras, nas disciplinas identificadas<sup>(6,7)</sup>.

A partir da busca direta nos sites das 139 IES, identificamos 58 (41,7%) ementas de disciplinas que abordavam na descrição ou no título o tema história da enfermagem, cuidado ou gênero. Para as 81 (58,3%) universidades que não identificamos as ementas no site da IES, 27 (33%) eram federais, 46 (57%) estaduais e 8 (10%) municipais. Solicitamos o acesso das ementas de IES federais, estaduais e municipais por meio do cumprimento da Lei 12.527/ 2011, a partir do site Fala.br e pelo Serviço Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão (e-SIC) dos respectivos estados e municípios. Por meio do site “Fala.br” solicitamos os documentos em relação as 27 (33%) IES federais<sup>(11)</sup>. Para as ementas das 81 IES, sendo 46 (57%) IES estaduais e 8 (10%) municipais, utilizamos Portal de Transparência dos respectivos estados e municípios.

A partir dessas solicitações, o site Fala.br e os respectivos sites dos e-SIC de cada estado e municípios nos retornaram 54 ementas dentro do prazo de 30 dias. Portanto, no total, identificamos 112 documentos, sendo 58 ementas por meio da busca direta nos sites das IES e 54 arquivos por meio do acesso aos portais de transparência pública em nível federal, estadual e municipal. Desses 54 arquivos, 47 (87%) eram Projetos Pedagógicos dos cursos e 12 (13%) eram ementas. Em vista disso, foi necessário localizar quantas ementas continham cada projeto pedagógico, bem como excluir as repetidas, numa pré-análise. Após esse processo, a amostra fechou 121 ementas de cursos de graduação em enfermagem com título ou descrição de história de enfermagem, cuidado ou gênero para serem analisadas. A Figura 1 esquematiza as etapas de busca, identificação e seleção.

**Figura 1.** Fluxograma das etapas de busca, identificação e seleção das ementas dos cursos de graduação de enfermagem que abordam a história, cuidado e/ou gênero nas descrições e/ou títulos. Brasília-DF, 2024



Fonte: Elaboração própria.

Com o auxílio do programa Excel, montamos um banco de dados com as 121 ementas separadas por região do país, Unidade Federativa, IES, nome da disciplina, descrição e bibliografia das ementas identificadas. Para a primeira categorização de temas, procedemos a análise de conteúdo das 121 ementas. A análise temática é relacionada com a noção de tema de um determinado assunto, compreendendo o sentido por meio da frequência ou presença do assunto analisado<sup>(12)</sup>. Por meio da análise temática dos nomes das ementas, foi possível encontrar temáticas comuns que resultaram no agrupamento destas, em quatro categorias: História da enfermagem (55 ementas; 45,5%); Contextualização do processo de cuidar na enfermagem (36 ementas; 29,7%); Processo de trabalho em saúde (15 ementas; 12,4%); Gênero e raça na enfermagem (15 ementas; 12,4%).

Em seguida, realizamos a análise de conteúdo sobre as práticas e a ancestralidade das mulheres na história da profissão, gênero ou raça nas 121 ementas. As questões que nortearam essa análise foram: i- As primeiras cuidadoras ou curandeiras da população são contempladas na relevância para a autonomia das mulheres sobre o corpo e a cura? ii- O processo de profissionalização da enfermagem e a consequente exclusão das curandeiras na construção da “enfermeira padrão” é discutida criticamente nas ementas? iii- As questões de gênero e raça no trabalho da enfermagem são abordadas na disciplina?

A partir dessas questões, consideramos “sim” as descrições ou referências das ementas de disciplinas que respondiam afirmativamente às questões, do contrário consideramos “não”. Com isso, de todas as ementas analisadas (n= 121; 100%), menos da metade (n=55; 45,5%) abordaram curandeirismo, gênero e/ou raça, enquanto a grande maioria não abordava (n=66; 65%). As 55 ementas que abordavam as questões de curandeirismo, gênero e raça foram distribuídas em 3 categorias: Cuidar e Curandeirismo (38; 69%), Gênero e feminismo (12; 22%) e Gênero, raça e resistência (5; 9%).

*Etapa 2 - Rastreamento das(os) docentes, grupos de pesquisa e produção científica antirracista e feminista dos cursos de graduação em enfermagem das IES públicas a partir das 55 disciplinas selecionadas*

A partir da primeira etapa, fizemos uma análise de conteúdo em profundidade das descrições e dos resumos das referências básica indicadas nas 55 (45,5%) ementas que responderam afirmativamente às questões de curandeirismo e gênero da etapa anterior. Para fins de classificação, estabelecemos uma pontuação para ordenar o conteúdo dessas ementas em relação a perspectiva de gênero e raça. Para isso, consideramos os mesmos critérios adotados na primeira etapa, com pequenos ajustes, quais sejam: i- As questões de gênero e raça no trabalho da enfermagem são abordadas? ii- As primeiras cuidadoras ou curandeiras da população são contempladas na relevância para a autonomia das mulheres sobre o corpo e a cura? iii- O processo de profissionalização da enfermagem e a consequente exclusão das curandeiras na construção da “enfermeira padrão” é discutida

criticamente? iv- As referências básicas indicadas contêm viés feminista ou antirracista? Para cada uma dessas questões, estabelecemos pontuação, conforme o Quadro 1. Ressaltamos que esse mesmo quadro subsidiou a análise das produções científicas das docentes rastreadas, como veremos a seguir.

**Quadro 1.** Critérios de análise da perspectiva étnico-racial e de gênero nas ementas e nas produções científicas dos cursos de graduação em enfermagem que abordam história da enfermagem, gênero e/ou cuidado das IES públicas. Brasília- DF, 2024

Critérios de análise	Pontuação	Classificação
i- As questões de gênero e raça no trabalho da enfermagem são abordadas?	Sim-4 Não-0	A- Presença explícita de gênero e raça nas ementas ou na produção científica – 6 a 10 pontos
ii- As primeiras cuidadoras ou curandeiras da população são contempladas na relevância para a autonomia das mulheres sobre o corpo e a cura?	Sim-2 Não-0	
iii- O processo de profissionalização da enfermagem e a consequente exclusão das curandeiras na construção da “enfermeira padrão” é discutida criticamente?	Sim-2 Não-0	B-Algum indício do conteúdo feminista e antirracista nas ementas ou na produção científica –0 a 5 pontos
iv- A referência básica indicada contém viés feminista ou antirracista?	Sim-2 Não-0	

Fonte: Elaboração própria.

Conforme descrito no quadro 1, o conteúdo de ementa que respondeu “sim” ao critério número 1 pontuou com 4 pontos, as que responderam “sim” aos critérios 2 e 3, obtiveram 2. Para pontuar o conteúdo da referência a básica de cada ementa, fizemos uma leitura dos resumos. Aquelas com viés feminista ou antirracista, obtiveram 2 pontos. Ao final, classificamos as 55 ementas conforme a pontuação final obtida, da seguinte forma: aquelas que pontuaram com 6 a 10 pontos foram classificadas na categoria “A-Presença explícita de gênero e raça nas ementas”; as que pontuaram de 0 a 5 pontos ficaram na categoria “B-Algum indício do conteúdo feminista e antirracista nas ementas”.

A partir da análise das 55 (100%) ementas dos cursos de graduação em enfermagem das 26 IES públicas, previamente classificadas quanto às questões de curandeirismo, análise crítica da profissionalização e gênero, fizemos uma busca ativa dos currículos lattes das docentes dessas disciplinas. Além disso, utilizamos os portais de transparência para solicitações às IES públicas. O objetivo foi identificar os grupos de pesquisa, o perfil e a produção dessas pesquisadoras que ministram tais disciplinas. Fizemos a busca dos currículos pela Plataforma Lattes no site do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que nos possibilitou a visualização dos currículos preenchidos pelos próprios docentes. Consideramos como critério de inclusão professores efetivos das IES públicas<sup>(13)</sup>.

Desse rastreamento, obtivemos os nomes de 38 docentes, 14 (37%) por meio dos sites das 26 IES e 24 (63%) a partir das solicitações do Fala.br e e-SIC. Dos 26 sites das IES que ofertam as 55 disciplinas foi possível encontrar 16 grupos de pesquisa. A partir dos grupos de pesquisa incluímos mais 22 docentes, por atenderem aos critérios do estudo (experiência de resistência antirracista e feminista na produção científica). Obtivemos como resultado os nomes de 60 (100%) docentes com indícios de resistência antirracista e feminista no ensino e na produção científica da enfermagem.

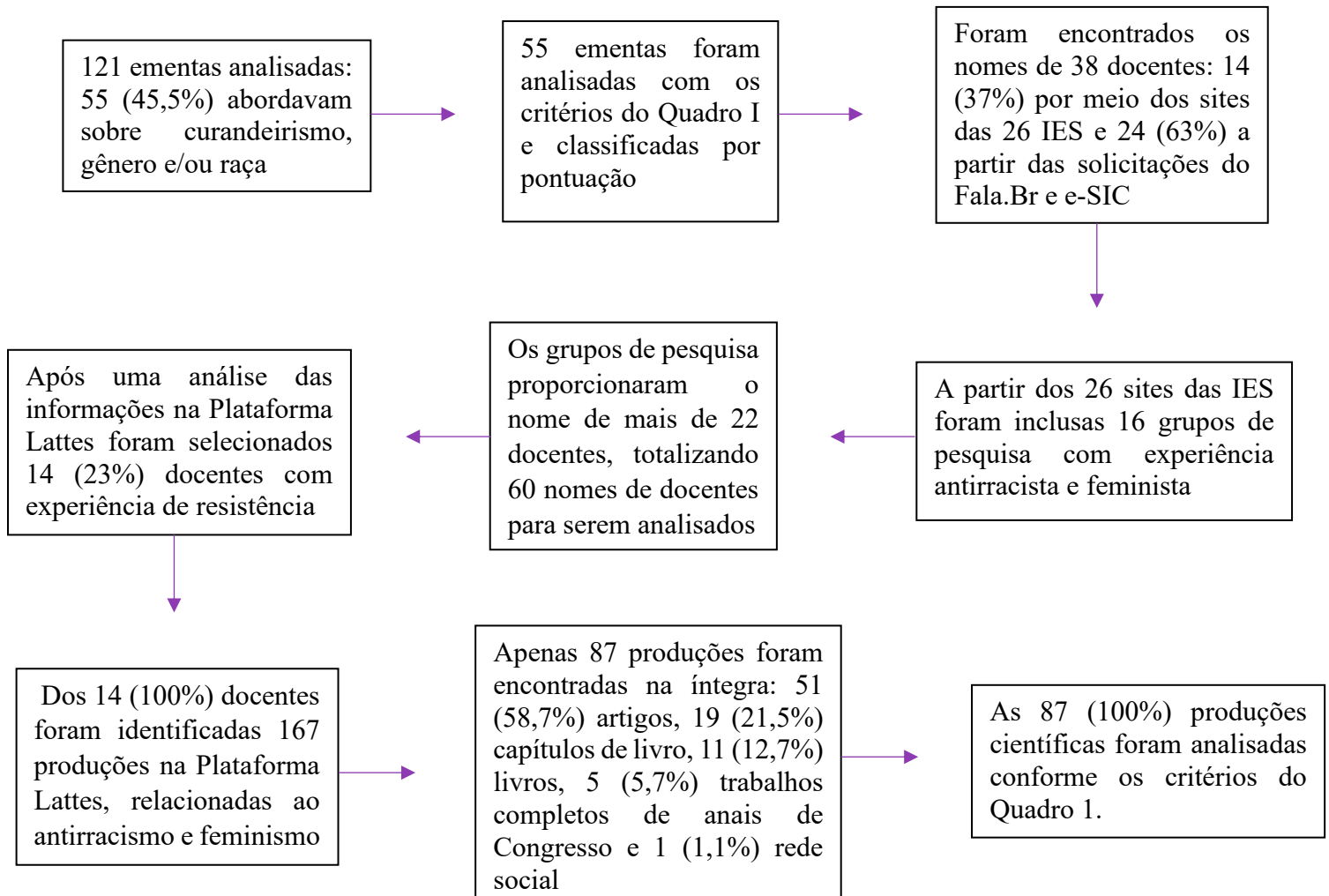
Para analisar o perfil das 60 docentes das IES públicas, fizemos o seguinte questionamento: Há indícios de resistência na experiência ou na pesquisa antirracista e/ou feminista? Consideramos “Sim” quem descreveu no perfil do currículo lattes a temática antirracista e/ou feminista, bem como na ementa da disciplina ou do grupo de pesquisa que integra. Aquelas que não tiveram nenhuma menção no currículo ou disciplina e/ou grupo de pesquisa, consideramos como “Não”. Estabelecemos como critério a descrição no perfil do currículo lattes da perspectiva de raça e gênero na produção científica, por ter sido autodeclarada pela própria pesquisadora. Desse processo foram selecionados 14 (23%) docentes.

Em seguida, levantamos a produção científica (artigos, livros, capítulos de livro, trabalhos completos de anais de Congresso e Redes Sociais) dos 14 (100%) docentes que continham experiências antirracistas e feminista no perfil do currículo lattes, na disciplina que oferta e no grupo de pesquisa. Foram identificadas no currículo lattes 167 produções relacionados a antirracismo e feminismo dessas 14 docentes, sendo 63 (37,8%) artigos, 56 (33,5%) capítulos de livros, 25 (15%) trabalhos completos de anais de Congresso, 20 (12%) livros e 3 (1,8%) redes sociais. Em seguida, buscados as produções disponíveis *on-line*, encontramos 87 produções na íntegra: 51 (58,7%) artigos, 19 (21,8%) capítulos de livros, 11 (12,7%) livros, 5 (5,7%) trabalhos completos de anais de Congresso e 1 (1,1%) rede social.

Por fim, procedemos a análise das 87 (100%) produções científicas utilizando as mesmas questões adotadas para as ementas, com ajustes, foram elas: i- As questões de gênero e raça no trabalho da enfermagem são abordadas na produção? ii- As primeiras cuidadoras ou curandeiras da população são contempladas na relevância para a autonomia das mulheres sobre o corpo e a cura? iii- O processo de profissionalização da enfermagem e a consequente exclusão das curandeiras na construção da “enfermeira padrão” é discutida criticamente? iv- As referências básicas indicada contém viés feminista ou antirracista?. A partir dos títulos das produções científicas, distribuímos nas mesmas categorias das ementas, quais sejam: Cuidar e curandeirismo (8; 9%), Gênero e feminismo (65; 75%) e Gênero, raça e resistência (14; 16%). Com a leitura da referência por completo, bem como os resumos das produções, foram aplicadas as questões norteadoras e pontuadas entre 0 a 10 pontos. A classificação se fez da mesma forma das ementas: “Presença explícita de gênero e raça nas produções

científicas” - 6 a 10 pontos e “Algum indício do conteúdo feminista e antirracista nas produções científicas” - 0 a 5 pontos. No Quadro 1, apresentamos os critérios para a classificação das experiências antirracista e feminista no ensino e na produção científica da enfermagem.

**Figura 2.** Fluxograma do rastreamento das (os) docentes, grupos de pesquisa e produção científica antirracista e feminista a partir das 55 ementas. Brasília-DF, 2024



Fonte: Elaboração própria.

## Resultados

No que se refere a classificação das 55 (100%) ementas a partir das pontuações, 11 (20%) foram classificadas como “Presença explícita de gênero e raça nas ementas”, os nomes das ementas estão descritos na Tabela I. As 44 (80%) classificadas como “Algum indício do conteúdo feminista e antirracista nas ementas” estão em Apêndice A, devido a limitação de páginas do artigo.

**Tabela 1-**Classificação das ementas das disciplinas dos cursos de graduação em enfermagem de IES públicas, segundo presença de gênero e raça, Brasília- DF, 2024



## A- Presença explícita de gênero e raça nas ementas

Nome da Disciplina/Análise das questões	Justificativa/Pontos
D1-Assistência de enfermagem na saúde indígena (UNEMAT)	D1: “Concepções indígenas sobre saúde-doença e cuidados”
D2-Saúde Indígena (UERR)	D2: “Etnologia dos povos indígenas da América do Sul, com enfoque sobre questões de saúde e gênero”
D3-Antropologia aplicada à saúde (UFMS)	D3: “Saberes e práticas de saúde nas religiões de matriz africana e povos indígenas no Brasil”
D4-Antropologia Cultural (UFVJM)	D4: “Relação étnico-racial e aspectos etno-histórico de afrodescendentes e indígenas no Brasil.”,  Indicam sobre questões de gênero e raça na descrição da disciplina e em mais dois critérios conforme o Quadro I, pontuando com 8 pontos
D5-História da Enfermagem (UNIFAP)	Fragmentos das descrições como na:
D6-Enfermagem, Saúde e Sociedade (UFBA)	D5: “Relação de gênero, poder, trabalho e saúde vinculados à profissão.”
D7-Gênero e Saúde (UNEB)	D6: “A história da enfermagem e a institucionalização das suas profissões com enfoque de gênero.”
D8-Diversidade Sexual e de Gênero na Saúde (UFTM)	D7: “Concepção de gênero na pesquisa em saúde.”
D9-Gênero e Saúde (UESB)	D8: “O profissional de saúde frente às diversidades sexuais e de gênero.”
D10-História e Organização da Enfermagem (UFMA)	D9: “Concepção de gênero na pesquisa em saúde.”
D11-Relações étnico- raciais, gênero e diversidade (UFPI)	D10: “Relações étnico-raciais: quilombolas.” D11: “Racismo, preconceito e discriminação racial e suas manifestações.”
Total de disciplinas	11(100)
Total de pontos	10(100)

Fonte: Elaboração própria.

Das 14 docentes selecionadas, 7 (50%) são do Nordeste (UFAL; UFBA; UFBA; UFBA; UFBA; UFRB; UNEB), 4 (28,5%) da região Sudeste (UERJ; UFVJM; USP; UFMG) e 3 (21,5%) da região Centro-Oeste (UFMS; UFMS; UFMS). Em relação ao tempo de docência, 4 (28%) têm entre 10 e 20 anos, 4 (28%) entre 20 e 30 anos e 6 (43%) há mais que 30 anos. Todos têm doutorado. Os cursos de formação que prevaleceu foi enfermagem (11; 69%), seguido de Psicologia (1; 6,2%), Ciências Sociais (1; 6,2%), Letras (1; 6,2%), Pedagogia (1; 6,2%) e Filosofia (1; 6,2%). Com exceção de uma, 13 docentes participam de algum grupo de pesquisa sobre raça e gênero. A relação nominal das docentes selecionas está descrita no quadro 2.

**Quadro 2** - Docentes dos cursos de graduação em enfermagem com experiências de resistência antirracista e feminista no ensino e na produção científica autodeclarada no currículo Lattes, segundo instituição e mini perfil. Brasília-DF, 2024

Nome/Instituição	Mini-perfil
Adailson da Silva Moreira (UFMS)	Doutor em Psicologia Clínica. Atua com temas de diversidade sexual, questões de gênero, sexualidade, saúde mental e direitos humanos.
Edméia de Almeida Cardoso Coelho (UFBA)	Doutora em Enfermagem. É líder do grupo de pesquisa Saúde da Mulher, Gênero e Integralidade do Cuidado, da Escola de Enfermagem da UFBA.
Enilda Rosendo do Nascimento (UFBA)	Pós-Doutorado pela Universidad de Valladolid (UVA) Espanha. É líder do grupo de pesquisa Saúde da Mulher, Enfermagem, Gênero, Raça e Etnia (GEM Raça Etnia).
Gislaine Recaldes de Abreu (UFMS)	Mestrado em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Populações Indígenas (GEPI) da UFMS.
Kleyde Ventura de Souza (UFMG)	Doutora em Enfermagem. Líder do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Saúde da Mulher e Gênero (NUPESMeG).
Losandro Antônio Tedeschi (UFMS)	Pós-Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Áreas de ensino e pesquisa: Estudos de Gênero, História das Mulheres, Memória e Migrações.
Lucia Helena Garcia Penna (UERJ)	Doutora em Saúde da Criança e da Mulher. É líder do grupo de pesquisa Gênero, Violências e Práticas em Saúde e Enfermagem.
Maria da Conceição Costa Rivemales (UFRB)	Doutora em Enfermagem. Pesquisadora do Núcleo de estudos e pesquisas em gênero, raça e saúde (NEGRAS) e Grupo de Estudos em Saúde da Mulher (GESAM)
Marivaldo Aparecido De Carvalho (UFVJM)	Doutor em Sociologia. Coordenador do grupo de pesquisa Grupos de Estudos dos Povos Indígenas de Minas Gerais (GEPIMG).
Mariza Silva Almeida (UFBA)	Doutora em Enfermagem. Grupo de Pesquisa sobre saúde da mulher Gênero e Integralidade do cuidado, da Escola de Enfermagem da UFBA e do Centro de Estudos e pesquisa sobre Mulher, Gênero, Saúde e Enfermagem (GEM).
Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca (USP)	Doutora em Enfermagem. Participa do grupo de pesquisa Gênero, Saúde e Enfermagem. Atuando principalmente com gênero e enfermagem, violência contra mulher e outros.
Silvia Lúcia Ferreira (UFBA)	Pós-Doutorado pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Líder do grupo de pesquisa Centro de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, Gênero, Saúde e Enfermagem (GEM).
Sóstenes Ericson Vicente da Silva (UFAL)	Pós-Doutorado na Universidad Autónoma de la Ciudad de México (UACM). Líder do grupo de pesquisa Grupo de Estudo Trabalho, Ser Social e Enfermagem - GETSSE/CNPq.
Suiane Costa Ferreira (UNEB)	Doutora em Educação e Contemporaneidade. Coordenadora do grupo de pesquisa Afrocentrar Saúde e do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Comunidades Virtuais/UNEB.

Fonte: Elaborada pela autora.

Das 87 (100%) produções científicas antirracista e feminista das docentes selecionadas, 22 (25%) foram classificadas como “Presença explícita de gênero e raça nas produções científicas” conforme a Tabela 2.

**Tabela 2.** Classificação das produções científicas feminista e antirracista dos 14 docentes selecionados. Brasília- DF, 2024

A- Presença explícita de gênero e raça nas produções científicas	
Título completo e tipo de produção	Justificativa/Pontos
P1- A produção do saber-cuidar em enfermagem a partir das interseccionalidades étnico-raciais, de classe e de gênero no Brasil <sup>(14)</sup> (Artigo)	P1: “[...] precisamos considerar os desdobramentos deste histórico racista na formação em saúde, nas relações de trabalho dentro da equipe de enfermagem (entre enfermeiras brancas e técnicas/auxiliares negras).” 10 pontos
P2- Construção de saberes em comunidades tradicionais <sup>(15)</sup> (Capítulo de livro)	P2: “A primeira parte reúne pesquisas que tratam sobre o racismo/discriminação da população negra e comunidades tradicionais, além do protagonismo e participação da enfermagem negra no Brasil.”
P3- Afrocentrar saúde <sup>(16)</sup> (Rede social)	P3: “[...] Assim, essa coletânea se propõe a discutir o cuidado em saúde a partir de uma perspectiva étnico-racial, contribuindo para um movimento contra colonial na formação em saúde.” (Post do dia 22/11/2022) 8 pontos
P4- O itinerário terapêutico para estudantes universitários indígenas: uma questão de metodologia para pesquisas decoloniais na área da saúde <sup>(17)</sup> (Capítulo de livro)	Os trechos das descrições no: P4: “Diante dessa evidência, na metodologia decolonial, concebe-se uma perspectiva pluriversal epistêmica que se liga aos povos subalternizados pelo poder e, conseqüentemente, pelo conhecimento colonial.”
P5- Mulheres quilombolas e violência <sup>(18)</sup> (Capítulo de livro)	P5: “Dessa forma, foram abordadas questões ligadas a percepção de mulheres e de profissionais sobre raça e saúde; a discussão sobre os saberes de comunidades tradicionais do recôncavo baiano...”
P6- A produção científica sobre gênero em uma escola de Enfermagem <sup>(19)</sup> (Anal de congresso)	P6: “[...] é um espaço de produção científica sobre gênero, raça/etnia na área de saúde, que contribui para entender as construções sociais sobre as mulheres na sociedade e de modo particular, na saúde.”
P7- A educação e o processo de inclusão: exclusão social da mulher: uma questão de gênero? <sup>(20)</sup> (Artigo)	P7: “Utilizando a categoria analítica gênero, este trabalho mostra como se dão historicamente as relações sociais (de poder) entre homens e mulheres e como os valores femininos vão cedendo lugar aos masculinos.”
P8- Transversalidade de conteúdos nas diretrizes curriculares: o gênero no ensino da enfermagem <sup>(21)</sup> (Artigo)	P8: “Este artigo apresenta uma reflexão sobre o conceito de gênero no ensino de Enfermagem da UFBA, tomando como base as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem”
P9- O pensamento feminista e os estudos de gênero: experiencias	

na Escola de Enfermagem da UFBA <sup>(22)</sup> (Livro)	P9: “Traz resultados de estudos teóricos que possibilitam uma análise crítica da condição feminina, das relações de gênero e do feminismo enquanto movimento social...”
P10- Trajetórias de gênero: a militância do feminismo acadêmico nos primeiros dez anos do Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher <sup>(23)</sup> (Capítulo de livro)	P10: “[...] foi escrito inicialmente como relatório de pesquisa e que recebeu as contribuições de duas alunas de doutorado envolvidas com o GEM. Trata-se da história das primeiras experiências do grupo.”
P11- Gênero, saúde e enfermagem <sup>(24)</sup> (Artigo)	P11: “É feita uma revisão da construção de gênero como categoria analítica e uma análise crítica da construção sócio-histórica da enfermagem, sendo apontadas implicações dos estereótipos de gênero para o exercício profissional.”
P12- Produção acerca de gênero nos doutorados em enfermagem no Brasil <sup>(25)</sup> (Artigo)	P12: “Objetivo: analisar a produção de conhecimento acerca da categoria de gênero nas teses de doutorado dos Programas de Pós-Graduação em Enfermagem no Brasil.”
P13- Estereótipos e preconceitos de gênero em graduandos de enfermagem <sup>(26)</sup> (Artigo)	P13: “O objetivo desta pesquisa foi identificar estereótipos e preconceitos de gênero em alguns aspectos da vida social (trabalho, comportamento, linguagem e religião), entre estudantes de enfermagem.”
P14- Formação de um grupo de pesquisa em enfermagem na área da saúde da mulher e gênero <sup>(27)</sup> (Artigo)	P14: “[...], as participantes tinham uma perspectiva bastante positiva em relação à formação de um grupo de pesquisa para incrementar e difundir o conhecimento de gênero na saúde da mulher.”
P15- Sexismo: vivências e perspectivas de acadêmicos de enfermagem de uma universidade pública <sup>(28)</sup> (Artigo)	P15: “Este artigo tem como objetivo, descrever as perspectivas e vivências sexistas de acadêmicos de enfermagem durante a graduação”
P16- A perspectiva do arquétipo feminino na enfermagem <sup>(29)</sup> (Artigo)	P16: “O presente trabalho propõe um novo enfoque sobre a origem feminina da Enfermagem, a partir da ótica arquetípica, e suas características tão pouco mutáveis no decorrer da história”
P17Ciência, Saúde Coletiva e Enfermagem: destacando as categorias gênero e geração na episteme da práxis <sup>(30)</sup> (Artigo)	P17: “Este ensaio tem por objetivo mostrar a relevância das categorias sociológicas gênero e geração, que perpassam os fenômenos da enfermagem em saúde coletiva, na episteme da práxis.”
P18- Feminismo e gênero na formação de enfermeiras(os) na Escola de Enfermagem da UFBA <sup>(31)</sup> (Capítulo de livro)	P18: “[...] apresenta a oferta de disciplinas específicas com abordagem de gênero que foram criadas tanto no ensino de graduação como na Pós-graduação ao longo dos anos acompanhando as reformas curriculares.”
P19- A profissionalização da enfermagem brasileira na mídia escrita no final do século XIX: uma análise de gênero <sup>(32)</sup> (Artigo)	P19: “O objeto é a relação entre a profissionalização da enfermagem brasileira e as mulheres, na veiculação de notícias sobre a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, à luz de gênero.”
P20- Pesquisa de gênero na produção de enfermagem: contribuição do Grupo de Pesquisa Gênero, Saúde e Enfermagem da EEUSP <sup>(33)</sup> (Artigo)	P20: “Os resultados mostram uma produção expressiva no conjunto de estudos de gênero no cenário nacional, revelando que o aprofundamento da compreensão dos fenômenos sociais sob a ótica de gênero tem trazido avanço não só no âmbito da pesquisa, como da intervenção.”
P21- Questões raciais e de gênero na produção científica de enfermagem no Brasil <sup>(34)</sup> (Artigo)	P21: “Objetivo. Identificar e analisar a produção científica sobre as questões raciais na enfermagem no Brasil e seu impacto nas condições de saúde das mulheres negras.”
P22-Discriminação racial e de gênero em discursos de mulheres	

negras com anemia falciforme <sup>(35)</sup> (Artigo)	P22: “Estudo exploratório-descritivo com abordagem qualitativa, teve como objetivo identificar e descrever práticas de discriminação racial e de gênero nos serviços de saúde...”  6 pontos
Total de produções científicas	21(100)

Fonte: Elaboração própria.

A região Nordeste foi a origem de mais da metade das produções (14; 64%), seguida da Sudeste (8; 36%). As outras 65 (75%) produções foram classificadas como “Algum indício do conteúdo feminista e antirracista nas ementas”.

A categorização temática das disciplinas e produções científicas selecionadas com presença explícita de gênero e raça foram distribuídas da seguinte forma: Cuidar e curandeirismo (4; 12%), Gênero e feminismo (21; 64%) e Gênero, raça e resistência (8; 24%), os nomes das disciplinas e produções estão no quadro a seguir.

**Quadro 3.** Categorização temática das disciplinas e produções científicas. Brasília- DF, 2024

Categorias Temáticas	Disciplinas	Produções Científicas
Cuidar e Curandeirismo	D1-Assistência de enfermagem na saúde indígena (UNEMAT)	P3- Construção de saberes em comunidades tradicionais <sup>(15)</sup> P4- O itinerário terapêutico para estudantes universitários indígenas: uma questão de metodologia para pesquisas decoloniais na área da saúde <sup>(17)</sup> P5- Mulheres quilombolas e violência <sup>(18)</sup>
Gênero e feminismo	D2-Saúde Indígena (UERR); D5-História da enfermagem (UNIFAP); D6-Enfermagem, Saúde e Sociedade (UFBA); D7- Gênero e Saúde (UNEB); D8-Diversidade Sexual e de Gênero na Saúde (UFTM); D9- Gênero e Saúde (UESB)	P6- A produção científica sobre gênero em uma escola de enfermagem <sup>(19)</sup> P7- A educação e o processo de inclusão: exclusão social da mulher: uma questão de gênero? <sup>(20)</sup> P8- Transversalidade de conteúdos nas diretrizes curriculares: o gênero no ensino da enfermagem <sup>(21)</sup> P9- O pensamento feminista e os estudos de gênero: experiências na Escola de Enfermagem da UFBA <sup>(22)</sup> P10- Trajetórias de gênero: a militância do feminismo acadêmico nos primeiros dez anos do Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher <sup>(23)</sup> P11- Gênero, saúde e enfermagem <sup>(24)</sup> P12- Produção acerca de gênero nos doutorados em enfermagem no Brasil <sup>(25)</sup> P13- Estereótipos e preconceitos de gênero em graduandos de enfermagem <sup>(26)</sup> P14- Formação de um grupo de pesquisa em enfermagem na área da saúde da mulher e gênero <sup>(27)</sup>

		<p>P15- Sexismo: vivências e perspectivas de acadêmicos de enfermagem de uma universidade pública<sup>(28)</sup></p> <p>P16- A perspectiva do arquétipo feminino na enfermagem<sup>(29)</sup></p> <p>P17- Ciência, Saúde Coletiva e Enfermagem: destacando as categorias gênero e geração na episteme da práxis<sup>(30)</sup></p> <p>P18- Feminismo e gênero na formação de enfermeiras(os) na Escola de Enfermagem da UFBA<sup>(31)</sup></p> <p>P19- A profissionalização da enfermagem brasileira na mídia escrita no final do século XIX: uma análise de gênero<sup>(32)</sup></p> <p>P20- Pesquisa de gênero na produção de enfermagem: contribuição do Grupo de Pesquisa Gênero, Saúde e Enfermagem da EEUSP<sup>(33)</sup></p>
Gênero, raça e resistência	<p>D3-Antropologia aplicada à saúde (UFMS);</p> <p>D4-Antropologia Cultural (UFVJM);</p> <p>D10- História e Organização da Enfermagem (UFMA);</p> <p>D11-Relações Étnico-raciais, Gênero e Diversidade (UFPI)</p>	<p>P1- A produção do saber-cuidar em enfermagem a partir das interseccionalidades étnico-raciais, de classe e de gênero no Brasil<sup>(14)</sup></p> <p>P3- Afrocentrar saúde<sup>(16)</sup></p> <p>P21- Questões raciais e de gênero na produção científica de enfermagem no Brasil<sup>(34)</sup></p> <p>P22- Discriminação racial e de gênero em discursos de mulheres negras com anemia falciforme<sup>(35)</sup></p>

Fonte: Elaboração própria.

## Discussão

O fato de apenas 11 disciplinas serem classificadas como “Presença explícita de gênero e raça nas ementas” dos cursos de graduação de enfermagem das IES públicas exemplifica o que é exposto por Asante<sup>(36)</sup> (2014): a sociedade é refletida nas instituições de educação, ou seja, se sociedade é marcada pela colonialidade, eurocentrismo e machismo, certamente irá refletir uma formação acadêmica de cunho racista e sexista<sup>(8,4)</sup>. Nesse sentido, as práticas pedagógicas da enfermagem brasileira são influenciadas pela historiografia da profissionalização da enfermagem, marcada pelo eurocentrismo e colonialismo. A identidade profissional da enfermagem foi associada à mulher branca de classe média e alta. Essa caracterização contribui para legitimação de uma identificação profissional forjada a partir da branquitude elitista, excluindo as mulheres negras e todo o saber que elas podem contribuir<sup>(3,37)</sup>.

A problemática de uma formação ser pautada com esse tipo de características reflete em profissionais de saúde com práticas discriminatórias e preconceituosas, reeditando desigualdades no cotidiano das práticas assistenciais das equipes de saúde<sup>(28)</sup>. O estudo de Bianca Carvalho et al.<sup>(28)</sup> (2024) aplicado em uma universidade pública do Rio de Janeiro consiste em uma pesquisa com os acadêmicos(os) de enfermagem, investigando se elas já tinham sofrido algum tipo de discriminação em relação ao gênero, no qual a maioria afirmou ter sofrido tanto no ambiente acadêmico como fora dele. O mesmo estudo também ratifica que uma formação crítica diante as desigualdades de gênero é necessária no meio acadêmico.

Por outro lado, o estudo de Rebecca Alethéia et al.<sup>(38)</sup> (2019) analisou a problemática do tema “equidade racial” em saúde no cotidiano de algumas IES do estado de São Paulo entre as gestoras da educação dos profissionais de saúde, concluindo que maioria dos cursos da área de saúde dessas IES abordam sobre a temática em disciplinas ou atividades integradoras. As entrevistadas foram unânimes ao afirmar a importância da abordagem étnico-racial na formação das profissionais de saúde. Entretanto, também enfatizaram que só abordam sobre a equidade racial devido a obrigatoriedade imposta na lei, demonstrando que não reconhecem a relevância.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER), conforme artigo 26-A da Lei n. 9.394/1996 (a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB), foram incluídas pela Lei n. 10.639/2003. Essa lei é ratificada pela primeira diretriz da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN): “inclusão dos temas racismo e saúde da população negra nos processos de formação e educação permanente dos trabalhadores da saúde e no exercício do controle social na saúde”. Tanto a diretriz como a política preconizam o ensino da cultura afro-brasileira executada desde os cursos técnicos até a pós-graduação<sup>(39-41)</sup>. Entretanto, isso não é refletido nos cursos de graduação de enfermagem, como é evidenciado no presente estudo.

A dificuldade para implementar tanto a DCNERER e a PNSIPN nos cursos da área saúde é corroborada por Rosana Batista et al.<sup>(5)</sup> (2021), que analisou os projetos político-pedagógicos (PPP) dos cursos de enfermagem, medicina, fisioterapia, nutrição, psicologia, serviço social e odontologia das IES, concordando que poucas incluem nos componentes curriculares de seus cursos a abordagem étnico-racial. As autoras relataram que é difícil trabalhar com o tema nas instituições pois a maioria das docentes nunca tiveram contato com o tema, com relatos de discriminação e ausência de apoio nas IES.

Tainã Queiroz et al.<sup>(41)</sup> (2021) afirma que as abordagens teórico-metodológicas dos docentes não estão isentas de produzir, perpetuar ou mesmo negligenciar os múltiplos processos discriminatórios que, no contexto brasileiro, se estruturam e são estruturados, historicamente, nas

nossas relações sociais. As discriminações de gênero relacionadas a tantas outras identidades sociais existentes – como raça, etnia, classe, orientação sexual, geração – criam iniquidades e interferem nos desfechos em saúde individual e coletivamente.

Entretanto, docentes engajados na prática de resistência podem transformar o currículo e a aumentar a produção científica antirracista e feminista. As 14 docentes selecionadas como com indícios de resistência antirracista e/ou feminista são em maioria (7; 50%) da região nordeste, no estado da Bahia. Estado com maior presença de docentes negras. A presença de autoras(es) negras(os), quilombolas e indígenas nos meios acadêmicos fazem a diferença. Refletido como a região com maior produção científica antirracista e feminista, mostrando a importância da questão da representatividade nos eixos educacionais<sup>(42-44)</sup>.

Outro fator importante que fortalece a resistência é o engajamento dos docentes com grupos de pesquisas. O estudo de Uilma Santos et al.<sup>(25)</sup> (2018) ressalta que as regiões brasileiras que mais produziram produções da categoria “gênero” relacionada a enfermagem são as regiões Nordeste e Sudeste. Corroborando com os dados do nosso estudo, pois a segunda região que mais se destacou com perfil docente e produção científica antirracista e feminista é a Sudeste.

Tal efeito é justificado pela existência histórica de grupos de pesquisa voltados à discussão dessa temática desde a década de 1980, por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão, a exemplo do Centro de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, Gênero, Saúde e Enfermagem – GEM, fundado em 1987, na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e do Núcleo de Estudos Gênero, Saúde e Enfermagem, fundado em 1989, na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP)<sup>(25)</sup>.

Assim, as resistências identificadas nesse estudo, representadas pelas docentes e produções científicas nos cursos de enfermagem dessas IES públicas, merecem destaque por trazerem a visibilidade das desigualdades de gênero e dos comportamentos sexistas na sociedade, problematizando-os. Além de explorar as forças contra hegemônicas, por produzirem conteúdos que se contrapõe ao conhecimento eurocêntrico, sexista e racista. Títulos de produções como da P1: “A produção do saber-cuidar em enfermagem a partir das interseccionalidades étnico-raciais, de classe e de gênero no Brasil”<sup>(14)</sup>, ao lado de outras espelhadas nesse estudo, demonstra a rica potencialidade de serem exemplos para os cursos de enfermagem para as IES públicas. Produções antirracistas e feministas podem estimular docentes e estudantes a produzirem publicações, participarem em eventos e modificarem práticas, numa perspectiva contracolonial<sup>(5)</sup>.



### *Limitações do estudo*

O presente estudo tem uma limitação principal: há docentes com práticas de resistência no ensino, na extensão e na pesquisa que não foram possíveis de identificar apenas com o rastreamento das ementas publicizadas pelas IES. A liberdade de cátedra em sala de aula permite que as docentes não se prendam à rigidez dos ementários de disciplinas, inovando em abordagens temáticas e estratégias pedagógicas. Um exemplo pode ser a própria Universidade de Brasília, que há docentes na enfermagem com práticas de resistência que não foram captadas pelos critérios do presente estudo.

### *Contribuições para a área da Enfermagem*

O principal contributo para enfermagem é ter captado experiências antirracistas e feministas nos cursos de graduação das IES públicas. Elas são uma potencialidade de mudança das práticas pedagógicas na realidade da formação e das práticas profissionais. As disciplinas, as docentes e as produções científicas selecionadas nesse estudo podem subsidiar outras pesquisas similares, ampliando a visibilidade das abordagens políticas, antirracistas e feministas do cuidar das enfermeiras.

### **Considerações finais**

O estudo analisou as ementas de disciplinas dos cursos de graduação de enfermagem das IES públicas, no que se refere a presença explícita de abordagem antirracista e feminista. Verificou que poucas ementas foram classificadas com a presença explícita de gênero e raça, refletindo aspectos da sociedade marcada pela colonialidade, racismo e machismo. Entretanto, há docentes com práticas antirracista e feminista, pontos de resistência nas IES públicas com cursos de graduação em enfermagem, destacando as universidades localizadas nas regiões Nordeste e Sudeste.

## Referências

1. Almeida AH de. Mulheres Negras e a realidade da enfermagem no Brasil. Núcleo Assessoria, Capacitação e Especialização-Centro de Material e Esterilização. 2020
2. Torres MVS, Pires MRMG. Mulheres, curandeiras e enfermeiras na perspectiva de gênero e de raça: O que perde a enfermagem com a reedição de discursos discriminatórios? Revista do CEAM [Internet]. 2023 [cited 2023 may]; 9: 1–15. Available from: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistadoceam/article/view/45610>
3. Ferreira LO, Salles RBB. A origem social da enfermeira padrão: o recrutamento e a imagem pública da enfermeira no Brasil, 1920-1960. Nuevo mundo mundos nuevos.2019 [cited 2024 Jun 29]; Available from: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.77966>
4. Ferreira SC. Debate Contracolonial na Formação em Saúde: resgatando a ciência de Kemet [Internet]. Eduneb. 2022 [cited 2023 May 10]. p. 0–237. Available from: <https://eduneb.uneb.br/debate-contracolonial-na-formacao-em-saude-resgatando-a-ciencia-de-kemet/>
5. Monteiro RB, Dos Santos MPA, de Araujo EM. Saúde, currículo, formação: experiências sobre raça, etnia e gênero. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [Internet]. 23 de julho de 2021 [cited 2023 May 9];25:e200697. Available from: <http://www.scielo.br/j/icse/a/GNj7tCBSTVNrKJFhJwDrz6P/?lang=pt>
6. Torres MVS, Pires MRGM. Mulheres, curandeiras e enfermeiras: o que dizem os programas das disciplinas de graduação das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas?. In 28th Congresso de Iniciação Científica da UnB e 19th Congresso de Iniciação Científica do DF [Internet] Sept 21-22. Brasília; 2022[cited 2024 Jun 27]. Available from: <https://conferencias.unb.br/index.php/iniciacaocientifica/28CICUnB19df/schedConf/presentations>
7. Torres MVS, Pires MRGM. Mulheres, curandeiras e enfermeiras: o que dizem os programas das disciplinas de graduação das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas? (Etapa 2- Análise do curandeirismo sob a perspectiva de gênero e raça). In 29th Congresso de Iniciação Científica da UnB e 20th Congresso de Iniciação Científica do DF [Internet] Sept 22-23. Brasília; 2023[cited 2024 Jun 27]. [Paper 814-815]. Available from: [https://proic.unb.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=757:29-congresso-de-iniciacao-cientifica-da-unb-e-20-congresso-de-iniciacao-cientifica-do-df&catid=152&](https://proic.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=757:29-congresso-de-iniciacao-cientifica-da-unb-e-20-congresso-de-iniciacao-cientifica-do-df&catid=152&)
8. Sá-Silva JR, Almeida CD de, Guindani JF. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais [Internet]. 2009 [cited 2024 Jun 25];1(1). Available from: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>

9. INEP. Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) [Internet]. 2019 [cited 2024 July 1]. Available from: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enade>
10. Santos JMT dos, Kiouranis NMM. Concepções de Corpus de Análise na Pesquisa em Educação em Ciências Naturais: Uma Investigação em Dissertações e Teses de um Programa de Pós-Graduação. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*. 2020 [cited 2024 June 29];799–822. Available from: <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2020u799822>
11. CGU. Fala.Br- Painel Lei de Acesso à Informação e Acesso à Informação [Internet]. 2023 [cited 2024 Abr]. Available from: <https://www.gov.br/acessoainformacao/pt-br/perguntas-frequentes/painel-lei-de-acesso-a-informacao>
12. Minayo MC de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10t. HUCITEC (org). São Paulo; 2014.
13. CNPq. Plataforma Lattes [Internet]. 2024. [cited 2024 June 30]. Available from: <https://lattes.cnpq.br/>
14. Ferreira SC, Caitano de Jesus L, Pinto AJCC. A produção do saber-cuidar em enfermagem a partir das interseccionalidades étnico-raciais, de classe e de gênero no Brasil. *Cenas Educ*. [Internet]. 13º de setembro de 2021 [cited 2024 July 4];4:e11858. Available from: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/>
15. Ribeiro DA, Rivemales MCC, Cordeiro RC, Bittencourt LJ, Santana GMS. Construção de saberes em comunidades tradicionais. In: Cortes HM, Praxedes MFS, Rivemales MCC (Org.). *A arte e a ciência do conhecimento produzido na enfermagem*. Cruz das Almas: EDUFRB; 2023. p. 45-57.
16. Ferreira SC. Afrocentrar saúde. Coletivo Afrocentrar Saúde: Formação em Saúde e Produção de Consciência Negra. Instagram: afrocentrasaude. Available from: <https://www.instagram.com/afrocentrasaude/>
17. Ancantara RJ, Rivemales MCC. O itinerário terapêutico para estudantes universitários indígenas: uma questão de metodologia para pesquisas decoloniais na área da saúde. In: *Ciência Brasileira: Múltiplos olhares - Medicina, Saúde e Prevenção*. Recife: Even3; 2023. p. 1-7
18. Lemos ACS, Silva CS, Sacramento AN, Rivemales MCC, Lima ABAC, Silva DOM, Meira GB, Fuza RMS, Abreu TM. Mulheres quilombolas e violência. In: Cortes HM, Praxedes MFS, Rivemales MCC (Org.). *A arte e a ciência do conhecimento produzido na enfermagem*. Cruz das Almas: EDUFRB; 2023. p. 45-57
19. Ferreira, SL. A produção científica sobre gênero em uma escola de Enfermagem. In: 13th Congresso Mundo de Mulheres e Seminário Internacional Fazendo Gênero [Internet]; 2017;

Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos) [cited 4 July 24]

20. Fonseca RMGS da. A educação e o processo de inclusão: exclusão social da mulher: uma questão de gênero?. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 1995 [cited 2024 July 2] Jan;48(1):51–9. Available from: <https://www.scielo.br/j/reben/a/WYp9YrcWgsDyNGh6PXv57pc/?lang=pt#>
21. Ferreira SL, Nascimento ER. Transversalidade de conteúdos nas diretrizes curriculares: o gênero no ensino da enfermagem. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2004 [cited 2024 jun 0];57(1):71–4. Available from: <https://www.scielo.br/j/reben/a/3jLFk9XCDMNGxPTR8CC9rgM/#>
22. Ferreira SL, Nascimento ER, Paiva MS. O pensamento feminista e os estudos de gênero: experiências na Escola de Enfermagem da UFBA. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012. 160 p
23. Ferreira SL, Nascimento ER, Teixeira AS, Marques SA. Trajetórias de gênero: a militância do feminismo acadêmico nos primeiros dez anos do Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher. In: Ferreira SL, Nascimento ER, Paiva MS. O pensamento feminista e os estudos de gênero: experiências na Escola de Enfermagem da UFBA. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012. 160 p.
24. Coelho E de AC. Gênero, saúde e enfermagem. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2005 [cited 2024 Jun 29] ;58(3):345–8. Available from: <https://www.scielo.br/j/reben/a/xWX6N8BkKsm4bcMhXBLCdQp#> doi:10.1590/S0034-71672005000300018
25. Souza US, Lima CFM, Marques PF, Rivemales MCC, Cordeiro RC, Rodrigues IR. Produção acerca de gênero nos doutorados em enfermagem no Brasil. *Rev Enf UFPE* [Internet]. 2018 [cited 2024 Jun 27].; 12(11). Available from: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/view/236613>
26. Parga EJS, Sousa JHM, Costa MC, Ferreira SL. Estereótipos e preconceitos de gênero em graduandos de enfermagem. *Rev. baiana enferm.* [Internet]. 20th de março de 2010 [cited 2024 July 4];14(1). Available from: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/3846>
27. Fonseca RMGS da, Souza KV de, Andrade C de JM, Amaral MA, Souza V de, Caetano LC. Formação de um grupo de pesquisa em enfermagem na área da saúde da mulher e gênero. *Texto contexto - enferm* [Internet]. 2012 [cited 2024 Jun 27];21(4):990–8. Available from: <https://www.scielo.br/j/tce/a/CxxQLDKBV5FScQxQGQfFXGn/abstract/?lang=pt#>
28. Leira BC de A, Penna LHG, Silva AMM, Ribeiro LV, Carinhanha JI, da Rocha CHS, Vasconcelos S, Queirós MP. Sexismo: vivências e perspectivas de acadêmicos de enfermagem de uma universidade pública. *CLCS* [Internet]. 2024 Jan. 31 [cited 2024 Jul. 4];17(1):9237-5. Available from: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/4967>

29. Fonseca V da S, Penna LHG. A perspectiva do arquétipo feminino na enfermagem. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2000 [cited 2024 Jun 26];53(2):223–32. Available from:  
<https://www.scielo.br/j/reben/a/wtRfR36p8vRwWHwH4FcqfVC/abstract/?lang=pt#>
30. Egry EY, Fonseca RMGS da, Oliveira MA de C. Ciência, Saúde Coletiva e Enfermagem: destacando as categorias gênero e geração na episteme da práxis. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2013[cited 2024 Jun 27];66(spe):119–33. Available from:  
<https://www.scielo.br/j/reben/a/cydDzTHKmj4gXThsjKDe5zD/abstract/?lang=pt#>
31. Nascimento ER, Oliveira JF, Ferreira SL, Paiva MS, Ribeiro IS. Feminismo e gênero na formação de enfermeiras(os) na Escola de Enfermagem da UFBA. In: Ferreira SL, Nascimento ER, Paiva MS. *O pensamento feminista e os estudos de gênero: experiências na Escola de Enfermagem da UFBA*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012. 71-86 p.
32. Santo TBE, Oguisso T, Fonseca RMGS. A profissionalização da enfermagem brasileira na mídia escrita no final do século XIX: uma análise de gênero . *Rev. Latino-Am. Enferm.* [Internet]. 2011 [cited 2024 July 4];19(5):1265-71. Available from: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/4439>
33. Fonseca RMGS da, Guedes RN, Zalaf MRR, Venâncio KCMP. Pesquisa de gênero na produção de enfermagem: contribuição do Grupo de Pesquisa Gênero, Saúde e Enfermagem da EEUSP. *Rev esc enferm USP* [Internet]. 2011. [cited 2024 Jun 26];45(spe2):1690–5. Available from: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/hTMM3dTLtsFpnrBhKSJV8Qz/#>
34. Goes EF, Nascimento ER. Questões raciais e de gênero na produção científica de enfermagem no Brasil. *Paraninfo digital* [Internet]. 2011 [cited 2024 Jun 25];1. 12 p. Available from: <http://www.index-f.com/para/n11-12/196d.php>
35. Cordeiro RC, Ferreira SL. Discriminação racial e de gênero em discursos de mulheres negras com anemia falciforme. *Esc Anna Nery* [Internet]. 2009 [cited 2024 Jun 25];13(2):352–8. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000200016>
36. Asante MK. *Afrocentricidade: A teoria da mudança social*. Rio de Janeiro: Afrocentricidade Internacional; 2014.
37. Mendes VS. Aprendizagem da arte e ciência do cuidar em enfermagem na UFMT: uma abordagem étnico-racial. 2015 [cited 2024 June 26]; Available from: <http://ri.ufmt.br/handle/1/128>
38. Santana RAR, Akerman M, Faustino DM, Spiassi AL, Guerriero ICZ. A equidade racial e a educação das relações étnico-raciais nos cursos de Saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [Internet]. 2019 [cited 2024 a Abr 25]; 23:e170039. Available from: <https://www.scielo.br/j/icse/a/fcFjjTxbDtytgD9dXxdVcJK/>

39. Brasil. Lei no 10.639 de 09 de janeiro de 2003 [Internet]. 2003 [cited 2024 Jun 29]. Available from:  
<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>
40. Brasil. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS [Internet]. 2017 [cited 2024 June 24]. 0–44 p. Available from: [https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/equidade/publicacoes/populacao-negra/politica\\_nacional\\_saude\\_populacao\\_negra\\_3d.pdf/view](https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/equidade/publicacoes/populacao-negra/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf/view)
41. Santos TQ, de Santana R de CS, Barbosa RS da S, de Souza SC, Iriart JAB. Discussões de gênero na formação de pesquisadores em saúde: um relato de experiência. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [Internet]. 2021 [cited 2023 Sept 19]; 25: e200529. Available from: <https://www.scielo.br/j/icse/a/nVdWKzhpHwpXtvB8gdv8gZH/>
42. Dias CA de O, Andrade CB. Branquitude e o cuidado em saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [Internet]. 2023 [cited 2024 June 26]; 27: e220370. Available from: <https://www.scielo.br/j/icse/a/PmZKYKgymjhVRzQvfRGGJ8n/?lang>
43. Silva NK de M, Santos SC dos. Docência negra: representatividade e perspectivas. *Diversidade e Educação*. 2021 [cited 2024 June 27]; 8(2):390–413.  
Available from: <https://doi.org/10.14295/de.v8i2.11766>
44. INEP. Censo de Educação Superior [Internet]. 2018 [cited 2024 July]. Available from: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>

**Apêndice A-** Classificação das ementas das disciplinas dos cursos de graduação em enfermagem de IES públicas com algum indício do conteúdo feminista e antirracista. Brasília- DF, 2024

<b>B- Algum indício do conteúdo feminista e antirracista nas ementas</b>	
Nome da Disciplina/Análise das questões	Justificativa/Pontos
D1- Práticas complementares em saúde (UFAM)	<p>D1: “Concepções de saúde sob diferentes vertentes”</p> <p>D2: “Práticas alternativas ou complementares de saúde”</p> <p>D3: “Métodos populares de tratamento e cura.”</p> <p>D4: “[...] fitoterapia com a medicina popular”</p> <p>D5: “Saúde e doença em uma perspectiva cultura e as práticas integrativas”</p> <p>D6: “Da diferença sexual ao paradigma de gênero.”</p> <p>D7: “[...] enfermagem no contexto social e perspectiva de gênero”</p> <p>D8: “[...] perspectiva analítica: gênero, sexualidade, teorias queer e do corpo.”</p> <p>D9: “[...] questões de gênero, como um constructo social, cultural e suas desconstruções.”</p> <p>D10: “[...] Políticas Públicas de Saúde considerando as questões de gênero e seus direitos humanos e reprodutivos.”</p> <p>D11: “Intersecções entre a saúde e marcadores de diferenças sociais (gênero, raça/etnia, território, classe, sexualidade, geração)”</p> <p>D12: “Conceitos de raça, etnia, racismo, preconceito, discriminação.”</p> <p>Abordou sobre questões de gênero e raça na descrição da disciplina, conforme o primeiro critério do Quadro 1- 4 pontos</p>
D2- Práticas alternativas ou complementares de saúde e a enfermagem (UFFS)	
D3- Terapias naturais (UEMA)	
D4- Fitoterapia (UPE)	
D5- Enfermagem nas práticas integrativas e complementares I (UFMS)	
D6- Corpo, gênero e sexualidade (UFSC)	
D7- Fundamentos históricos e ética da enfermagem (UPE)	
D8- Gênero e sexualidade (UEG)	
D9- Educação sexual I (UFMT)	
D10- Mulher, saúde e cidadania (UFMS)	
D11- Gênero e saúde (UEMG)	
D12- Educação para a relações étnico-raciais (UFMS)	
D13- Análise histórica da enfermagem (UEPB)	<p>D13: “A influência do cristianismo e da cristandade, na Idade Média, na implantação de serviços religiosos de enfermagem.”</p> <p>D14: “Evolução histórica da enfermagem.”</p> <p>D15: “Enfermagem como força social, base científica, tecnológica e social.”</p> <p>D16: “Disciplina visa inserir o aluno no contexto da Enfermagem como ciência...”</p> <p>D17: “Evolução histórica da prática de enfermagem.”</p> <p>D18: “Estuda a constituição histórica da Enfermagem e analisar sua prática dentro de uma visão prospectiva.”</p>
D14- Bases históricas e conceituais da enfermagem (UFMS)	
D15- Bases históricas, políticas e social em enfermagem (UEMG)	
D16- Ciência, história e organização da enfermagem (UFMA)	
D17- Contexto social e profissional da enfermagem (UFFS)	

D18- Fundamentos históricos e políticos da enfermagem (UFAL)	D19: “Estudo da Enfermagem enquanto ação de cuidar desde os primórdios até sua constituição enquanto profissão regulamentada...”
D19- História da enfermagem (UESC)	D20: “Estudo da trajetória histórica da Enfermagem como ciência e profissão da área da saúde...”
D20- História da enfermagem (UFMG)	D21 e D22- “Evolução histórica da prática da enfermagem.”
D21- História da enfermagem (UFPI)	D23: “Análise dos determinantes históricos e da historiografia do desenvolvimento da Enfermagem como profissão...”
D22- História da enfermagem (UFPI)	D24: “Imagem social do enfermeiro contemporâneo.”
D23- História da enfermagem (UNEB)	D25: “Análise dos determinantes históricos da enfermagem como profissão.”
D24- História da enfermagem (UFPA)	D26: “A enfermagem moderna com escolas organizadas por conhecimentos das ciências modernas e as personalidades que consolidaram essa profissão: Nightingale, Nery e outras.”
D25- História da enfermagem (UFPR)	D27: “Evolução histórica das práticas da enfermagem.”
D26- História da enfermagem (UFAC)	D28: “Disciplina teórica que estuda a evolução histórica da enfermagem, dos seus primórdios aos dias atuais, buscando enfatizar a evolução do planejamento da assistência e do cuidado de enfermagem.”
D27- História e a Organização da Enfermagem (UFMA)	D29: “Evolução histórica da enfermagem, considerando os determinantes históricos, sociais, econômicos e as perspectivas da profissão no contexto das práticas de saúde.”
D28- Contextualização da enfermagem na saúde (UNB)	D30: “Evolução das práticas de saúde e da Enfermagem no mundo.”
D29- Introdução à enfermagem (UFJF)	D31: “Evolução da prática de enfermagem e institucionalização no contexto histórico, político e social.”
D30- Introdução à enfermagem (UNILAB)	D32: “História da Enfermagem. Campos de atuação do Enfermeiro considerando o contexto histórico, ético, legal, social e econômico.”
D31- Introdução à enfermagem (UNIRG)	D33: “Discute a Enfermagem na perspectiva histórico-crítica numa dimensão cronológica, apresentando as bases que fundamentam o cuidado de enfermagem...”
D32- Introdução ao estudo da enfermagem e ética profissional (UNIMONTES)	D34: “A Enfermagem na Idade Antiga e Contemporânea.
D33- Enfermagem e saúde (UNEB)	D35: “Evolução da profissão no Brasil. Conceitos fundamentais para a compreensão do ser enfermeiro.”
D34- Enfermagem e sociedade (UESB)	D36: “A evolução histórica da enfermagem situando-a no contexto social, econômico, político e cultural. O cuidado como conceito central do currículo de Enfermagem e da profissão.”
D35- Enfermagem e sociedade (UFRB)	D37: “A inserção das terapias alternativas nos serviços de saúde pública e no meio científico.”
D36- Fundamentos do cuidado humano I (UFRGS)	D38: “Conceitos e histórico das terapias naturais.”
D37- Práticas integrativas e complementares (UEPB)	D39: “Aspectos históricos da fitoterapia, cuidados básicos no uso das plantas medicinais.”
D38- Terapia natural (UEMA)	
D39- Fitoterapia (UFMG)	



D40- Fitoterapia e homeopatia (UFCG)	D40: “Plantas reconhecidas pelo Ministério da Saúde e seu emprego”
D41- Plantas medicinais na Amazônia (UFAC)	D41: “Iniciação a etnobotânica no saber popular. Uso de plantas medicinais nas práticas sociais de saúde.”
D42- Terapêuticas complementares (UFMA)	D42: “Preparo das plantas e dos remédios. Dosagem. Tempo de uso. Espécies vegetais nativas e introduzidas; identificação uso popular, uso científico, toxicidade.”
D43-Bioética e exercício profissional da enfermagem (UNESPAS)	D43: “Dimensões legais e éticas para o exercício profissional da equipe da enfermagem e seus órgãos regulamentadores e fiscalizadores.”
D44- Formação e identidade profissional (UFMS)	D44: “O Modelo Nightingaleano e a evolução histórica do ensino de enfermagem. As bases teóricas, filosóficas e históricas do cuidar. A enfermagem como ciência do cuidar.” Não abordam sobre questões de gênero e raça na descrição da disciplina, apenas pontuou em algum dos outros critérios do Quadro I- 2 pontos
Total de disciplinas	44(100)
Total de pontos	10 (100)